

MANOEL SEGUNDO WANDERLEY

# Brasileiros e Portugêses

(DRAMA EM 3 ATOS)

ÉPOCA — 1817

AÇÃO — PERNAMBUCO

GRAFICA EDITORA DO LIVRO LTDA.

GB — RIO DE JANEIRO — 1968



Manoel Segundo Wanderley, filho do Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley e sua primeira esposa, Dona Francisca Carolina Lins Wanderley, nasceu no dia 6 de abril de 1860, na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Formado em medicina na Bahia, ocupou os cargos de Inspetor de Saúde do Pôrto, Médico-Adjunto, diretor do Hospital de Caridade e Inspetor de Higiene.

Como professor, exerceu as funções de lente de Filosofia, Francês, Física, Química e História Natural do Ateneu Norte-Rio-grandense.

Foi jornalista e orador de largo prestígio na sua época.

Segundo Wanderley é considerado um dos maiores poetas do Rio Grande do Norte. A sua poesia é ao mesmo tempo condoreira e social, romântica e lírica, humorista e mística. Publicou as seguintes obras poéticas: "Estrélas Cadentes" (1883), "Miragens e Prismas" (1887), "Revoltas Poéticas" (1895), "Gôndolas" (1903) e "Poesias Completas", já em quarta edição.

O popular lírico de "O Poeta e a Fidalga" era, como informa Palmira Wanderley, um apaixonado do teatro. À sua influência, junto ao govêrno do seu tempo — acrescenta aquela autora — deve Natal, em parte, o conhecimento das melhores companhias dramáticas do País.

Como dramaturgo, a produção de Segundo Wanderley registra inúmeras peças, entre as quais se destacam: "Amor e Ciúme", "A Providência", "Brasileiros e Portugêses", "As Três Datas", "Noiva em Leilão", "A Pulga", "Natal em Camisa", "A Louca da Montanha", "Os Anjos do Claustro", "A Rainha do Bosque" e "Dramas da Sêca".

Manoel Segundo Wanderley morreu a 14 de janeiro de 1909.

## Brasileiros e Portugêses

MANOEL SEGUNDO WANDERLEY

# Brasileiros e Portugêses

(DRAMA EM 3 ATOS)

ÉPOCA — 1817

AÇÃO — PERNAMBUCO

GRÁFICA EDITORA DO LIVRO LTDA.

GB — RIO DE JANEIRO — 1968

Lui  
esp  
der  
na  
Rio  
F  
os  
Méd  
Cari  
C  
lente  
e P  
gran  
F  
na  
Se  
maic  
sua  
e sc

e P  
(18  
Com  
O  
era,  
apai  
junt  
cent  
part  
panl  
C  
War  
as  
"A  
ses"  
"A  
da  
"A  
A  
de

A presente edição foi feita de acôrdo com a edição de 1892, publicada por Militão Bivar & Cia. (Typografia Minerva — Rua Major Facundo, 74) — Fortaleza — Ceará.

## PERSONAGENS

D. Pedro de Ataíde, fidalgo português ....	60	anos
Jorge de Ataíde, idem, idem .....	25	"
D. Leonor de Ataíde .....	20	"
Fernando de Alencar, patriota brasileiro ..	25	"
Roberto Nunes, português .....	30	"
General Cavalcânti, patriota brasileiro ....	50	"
Coronel Vitorino, idem .....	40	"
José Minhoto, ilhéu .....	45	"
Um sargento patriota		
Um cabo, idem		
1º e 2º convivas		
1º e 2º soldados patriotas		
Um criado		
Soldados realistas		
Soldados patriotas		

## DENOMINAÇÃO DOS ATOS

- 1º — *Tudo pela pátria.*
- 2º — *Os dois heróis.*
- 3º — *A epopéia do Amor.*

1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1900

ATO I

TUDO PELA PATRIA

*Sala de espera em casa de D. Pedro de Ataíde.  
D. Leonor lê ao pé de uma mesa colocada à  
direita, alta.*

CENA 1ª

*D. Leonor e D. Pedro de Ataíde*

D. LEONOR — (*Fecha o livro com sinais de  
constrangimento*) É realmente incrível, inaudito mesmo,  
tanta covardia e perversidade na alma de uma mulher!

D. PEDRO — (*Entrando*) De quem falas tu, minha  
filha?

D. LEONOR — De D. Maria I, rainha de Portugal.

D. PEDRO — Alto lá, minha senhora! É preciso  
guardar mais respeito e decôro à memória gloriosa de  
nossa augusta soberana!

D. LEONOR — Nenhum respeito merece quem  
nenhuma consideração conquistou. D. Maria I não foi  
só uma rainha inepta, foi também uma rainha desu-  
mana. Era mais digna de um hospício do que de um  
trono.

D. PEDRO — Surpreende-me em extremo o excessivo rigor de tão rude linguagem. Em que fundamentos assentam as tuas arguições para te pronunciarestes desta forma?

D. LEONOR — Acabo agora mesmo de ter a prova irrecusável e completa de minha afirmativa. D. Maria I cometeu o mais monstruoso dos atentados condenando a uma morte infamante o mais bravo dos patriotas.

D. PEDRO — Como assim?

D. LEONOR — O suplicio de Tiradentes, do infatigável e destemido precursor da liberdade mineira, é uma nota de luto no coração de um povo e uma mancha de sangue nas faces de uma monarquia.

D. PEDRO — Ignoras por ventura, que Tiradentes foi um sedicioso, um miserável salteador que traiu às nossas instituições e atentou contra nossos direitos, lançando no seio da Colônia o gérmen da discórdia, ateando o facho da revolta, proclamando a doutrina perniciosa e sanguinária dos bandidos da Convenção?

D. LEONOR — Engana-se, meu pai.

D. PEDRO — Duvidas?

D. LEONOR — Tiradentes não foi um sedicioso, foi um apóstolo da Democracia; não foi um salteador, foi um herói intemerato; não foi um traidor, foi uma vítima sacrificada aos caprichos estultos de uma monarquia demente.

D. PEDRO — Um pobre louco, um infame visionário...

D. LEONOR — Se lutar pela autonomia de sua pátria é ser louco, esta loucura deve ser sublime; se velar pela felicidade de um povo é ser visionário, esta visão deve ser divina.

D. PEDRO — A inconfidência mineira era um atentado iníquo, uma usurpação, ilegal, uma violação ultrajante fomentada por um bando de aventureiros que tiveram o tresloucado arrôjo de calcar aos pés a legitimidade de nossos direitos.

D. LEONOR — É uma injustiça. A revolta mineira era a reivindicação legítima da mais nobre das prerrogativas, o protesto mais vibrante e mais eloqüente contra o regime absurdo dos privilégios inconfessáveis.

D. PEDRO — D. Maria I não fez mais do que cumprir o seu dever. Para as violências da anarquia só o despotismo da lei.

D. LEONOR — Despotismo irritante que não se harmoniza nem com os princípios da civilização, nem com as doutrinas do Evangelho.

D. PEDRO — O Brasil é uma conquista de nossos antepassados, um patrimônio de nossos avós, um depósito sagrado, um legado de glórias de nossos intrépidos batalhadores que dominaram os mares com a grandeza de seus cometimentos, iluminaram o século com o esplendor de seu gênio e assombraram o universo inteiro com os rasgos incomparáveis de sua bravura.

D. LEONOR — Entendo que o Brasil tem a faculdade de ser livre como Portugal, o privilégio de ser

grande. Nada mais belo do que essas três palavras com que a França assinalou a mais brilhante das conquistas humanas.

D. PEDRO — Sim, mas essa liberdade é um crime, essa igualdade é um absurdo, essa fraternidade é uma hipocrisia.

D. LEONOR — Protesto: essa liberdade é um direito inviolável, essa igualdade é uma necessidade palpitante, essa fraternidade é uma aspiração universal!

D. PEDRO — E tu esqueces acaso que és um rebento ilustre da gloriosa estirpe de Vasco da Gama e que tens o dever indeclinável de zelar o brilho de nossos feitos, de defender a honra de nosso nome?

D. LEONOR — Perdão, meu pai: mas se sou portuguesa pelo nascimento, sou brasileira pelo coração. Se lá ensaiei o meu primeiro riso, aqui modulei o meu primeiro canto; se lá tive a minha aurora de criança, aqui tive a minha primavera de moça; se foi lá que bebi o primeiro leite, foi aqui onde banhou-me a primeira luz. Sim, Portugal foi o meu berço, mas o Brasil é o meu lar.

D. PEDRO — Êste fanatismo que consagras, esta preferência que dispensas a uma terra estranha, é um sentimento indigno de residir no peito da filha de um fidalgo lusitano.

D. LEONOR — Indigna seria eu se esquecesse um só momento o que devo a esta terra abençoada, fecunda e hospitaleira.

D. PEDRO — O Brasil nada mais é do que um humilde escravo atrelado ao carro de seu conquistador.

D. LEONOR — Mas que um dia há de sacudir o jugo terrível de seu ignóbil cativo e cantar como os marseheses sôbre as ruínas da Bastilha incendiada pelo fogo do patriotismo a estrofe ardente e palpitante do poema sagrado da redenção.

D. PEDRO — Tu deliras, por certo, e te deixas arrastar vertiginosamente pelos vãos insensatos de tua imaginação enfêrma.

D. LEONOR — Não; é que eu leio nas páginas lutosas do livro do presente os hinos fulgurantes do livro do futuro.

D. PEDRO — Estás saturada de uma filosofia incendiária, absolutamente incompatível com o teu sexo e com a tua paixão.

D. LEONOR — Uma terra como o Brasil não pode subordinar-se automaticamente ao império humilhante do despotismo.

D. PEDRO — Sonhas acaso alguma reação?

D. LEONOR — Sim; o Brasil há de lutar, há de subir, há de vencer, há de ser livre; porque a liberdade é a sua seiva, é o seu ideal, é o seu paraíso, é a sua glória.

D. PEDRO — Isto é uma utopia gerada apenas nos cérebros dos alucinados.

D. LEONOR — Não; ela ostenta-se na grandeza selvática de suas florestas virgens; impõe-se na majes-

tade homérica de seus rios caudalosos; rebrilha no esplendor olímpico de suas constelações diamantinas; requinta-se na corola perfumada de suas flôres, nas pérolas cristalinas de seus arroios, no frêmito vaporoso de suas cascatas, no gorjeio emocionante de suas aves, na indomável altivez de suas montanhas, na cólera desenfreada de seus pampeiros; enfim, em tudo que sente, que respira, que vive e que pensa!

D. PEDRO — Basta, que o mando eu! Sou fidalgo e deves saber que jamais um descendente da nobre raça do mais ilustre dos navegadores portugueses consentirá que em sua presença quem quer que seja, até mesmo uma filha, tenha a ousadia de atirar uma bofetada às faces de sua pátria e cuspir uma afronta na memória de seus antepassados. Proibo-te expressamente que continues a externar êstes sentimentos vilões que deprimem o nosso caráter e aviltam a nossa linhagem!

D. LEONOR — Obedeço. O futuro se encarregará de responder por mim. (Sai).

### CENA 2ª

D. PEDRO — As perigosas doutrinas do fim do século passado estão infelizmente produzindo os seus desastrosos efeitos. Não há mais respeito, nem garantias, nem confiança em coisa alguma. É mister quanto antes opor um dique a essa torrente que se despenha, dissipar essas nuvens que se condensam, esmagar essa hidra que se levanta para perturbar a nossa paz e roubar as nossas propriedades. (Sai.)

### CENA 3ª

*Fernando de Alencar e Jorge de Ataíde*

FERNANDO — É o que eu te digo, meu caro Jorge. Creio que muito em breve desabará a tempestade.

JORGE — Se assim suceder não me causa surpresa.

FERNANDO — E que juízo formas dêste estado de coisas?

JORGE — Que tudo se me afigura pouco lisonjeiro. Receio um estremecimento muito grave, uma crise política de funestas conseqüências.

FERNANDO — Um estremecimento só, não. Os ânimos estão muito exaltados para se contentarem com uma simples escaramuça. Há muita eletricidade acumulada nos horizontes políticos e muito raio de indignação comprimida no seio dos patriotas. Estamos em vésperas de uma terrível efusão de sangue, de uma luta hercúlea de vida ou de morte.

JORGE — Recebeste notícias do Recife?

FERNANDO — Domingos Teotônio escreveu-me pelo correio passado dando-me a entender que os republicanos cansados de tantas humilhações estão dispostos a levantar a bandeira da revolta e a conquistar a todo custo as suas liberdades.

JORGE — Tu não avalias, Fernando, quanto se torna penosa para mim essa situação. Tu conheces as minhas idéias e sabes que sou inimigo capital de tôdas as opressões e que não sou solidário com estas perse-

guições injustas, estas preterições odiosas que sofrem os teus compatriotas; mas não ignoras também que sou português e como tal não posso negar a minha bandeira, nem transigir com a minha posição, nem trair a minha pátria.

FERNANDO — Conheço a tua nobreza de alma e faço justiça a lealdade de teus sentimentos. Tu para mim não és português, és um amigo extremoso, um irmão desvelado para quem nunca tive segredos e em quem deposito a mais completa confiança.

JORGE — Estremeço esta amizade e orgulho-me desta confiança. Esta afinidade afetiva que nos liga tem por escudo a virtude inquebrantável de nosso caráter e o brilho diamantino de nossas consciências. Tens razão; para que falamos em pátria?

FERNANDO — Sim, Jorge, as nossas pátrias são os nossos corações.

JORGE — Onde não há tempestade que as perturbe, nem revolução que as aniquile.

FERNANDO — Ouve-me, Jorge, vou pôr em prova a tua lealdade.

JORGE — Falta; serei sincero como um irmão.

FERNANDO — Vou confiar-te um segredo terrível.

JORGE — Serei mudo como um sepulcro.

FERNANDO — Vou fazer-te sofrer, talvez uma comoção violenta, uma decepção atroz.

JORGE — Serei firme como um rochedo.

FERNANDO — Jorge, eu sou patriota, eu sou republicano, eu sou conspirador.

JORGE — Já o tinha adivinhado!

FERNANDO — Jurei viver pela liberdade ou morrer pela minha pátria.

JORGE — Estás no teu direito, cumpres o teu dever.

FERNANDO — E não me condenas?

JORGE — Não; sinto apenas não poder oferecer-te o auxílio de minha espada neste grandioso cometimento. O destino coloca-nos em campos opostos. A nossa honra assim o exige.

FERNANDO — Sim; é necessário que sejamos adversários para sermos dignos um do outro. Se tu abandonasses o teu rei serias um traidor; se eu renunciasses ao meu ideal seria um trãnsfuga.

JORGE — Sei que a justiça está de tua parte e faço votos pela vitória de tua causa.

FERNANDO — Obrigado, Jorge; agradeço-te em nome da República, agradeço-te em nome da revolução.

JORGE — Nego-te o apoio de meu braço, mas dou-te os aplausos de minha consciência.

FERNANDO — Não esperava menos de tua magnanimidade. Agora, escuta-me. Se a sorte, por um de seus extravagantes caprichos nos colocar nesta luta frente a frente, eu juro-te que preferiria quebrar mil vezes a minha espada a tocar em um só de teus cabelos.

JORGE — E eu te asseguro que qualquer que seja a atitude que as circunstâncias me obriguem a assumir,

Fernando de Alencar, o noivo de minha irmã, o protegido de meu pai, o meu melhor amigo, terá para mim a inviolabilidade dos objetos sagrados.

FERNANDO — Amigos para sempre, eis o meu penhor. (*Entrega a espada*).

JORGE — Irmãos até a morte; eis o sêlo de minha lealdade. (*Entrega a espada*).

FERNANDO — Agora dá-me licença que vou ao correio. Chegou um navio de Pernambuco e vou saber que novas trouxe. De volta passarei por aqui para informar-te do que há.

JORGE — Sê prudente e sobretudo desconfia de Roberto Nunes.

FERNANDO — Desgraçado dêle se cometer uma infâmia. (*Saem.*)

#### CENA 4ª

##### *D. Leonor (só)*

D. LEONOR — Supus encontrar ainda aqui Jorge e Fernando. Desejava mostrar-lhes esta carta que me foi dirigida pelo senhor Roberto Nunes e pedir-lhes um esclarecimento sôbre o objetivo desta estranha correspondência. (*Entra.*)

#### CENA 5ª

##### *Roberto Nunes (só)*

ROBERTO — É a última tentativa, o último cartucho que tenho a queimar. Se não ceder, pior para ela.

Acabo com o diabo das contemplações, boto para um lado as cerimônias e denuncio o meu odioso rival ao Sr. D. Pedro como o mais perigoso dos revoltosos. Jogo a minha derradeira cartada e raios me partam se trunfo não fôr espada. Ei-la!

#### CENA 6ª

##### *D. Leonor e Roberto Nunes*

D. LEONOR — Sr. Roberto Nunes, recebi há pouco uma carta do senhor em que me suplica uma entrevista, asseverando-me, à fé de cavalheiro, que tinha revelações de máxima importância a fazer-me e que diziam respeito ao meu futuro e à minha tranqüilidade.

ROBERTO — É a pura verdade.

D. LEONOR — Confesso-lhe que causou-me desagradável impressão êste seu insólito procedimento. Não obstante, vencendo a minha natural aversão aqui estou para ouvir o que tem a comunicar-me.

ROBERTO — Serei breve. Antes de entrar no assunto, porém, desejava saber se ainda continua no firme propósito de permanecer na sua caprichosa esquiva, na pueril mania, desculpe a expressão, de desprezar as minhas atenções, rejeitam o meu afeto, negar-me a felicidade que há tanto tempo lhe suplico.

D. LEONOR — Se é êste o objeto de sua entrevista, desde já lhe declaro, e não desejo repeti-lo, que são improfícuas as suas abomináveis tentativas.

ROBERTO — Talvez!

D. LEONOR — O senhor sabe quanto me é odioso e repugnante tratar de semelhante assunto.

ROBERTO — E por quê? Não me dirá V. Exa.?

D. LEONOR — Em primeiro lugar porque já não me pertenco.

ROBERTO — E depois?

D. LEONOR — Porque somos absolutamente incompatíveis.

ROBERTO — Deveras? E se eu lhe assegurar que não estou resolvido a desistir da empresa?

D. LEONOR — Eu lhe responderei que não lhe reconheço direitos para tamanha ousadia.

ROBERTO — Engana-se, minha senhora; pretendê-la é a mais natural de tôdas as aspirações, possuí-la a mais legítima de tôdas as conquistas.

D. LEONOR — Sabe que esta impertinência equivale a uma afronta inqualificável e que a minha alta posição não me permite descer a ouvir as declarações amorosas de um insignificante vilão?

ROBERTO — Perdão, minha senhora; não é. V. Exa. que desce, sou eu que subo.

D. LEONOR — E atreve-se?

ROBERTO — Tenho por costume ser franco em todos os atos de minha vida. Pode ser um defeito, não sei se de temperamento ou se de educação.

D. LEONOR — Que quer dizer com isto?

ROBERTO — Amo-a, minha senhora, e jurei que havia de ser minha, ainda que para isso fôsse mister atravessar com uma blasfêmia nos lábios, as chamas do inferno, ou mergulhar, com um punhal nas mãos num oceano de sangue.

D. LEONOR — Desde quando os lacaios estão acostumados a resistir às ordens de seus superiores?

ROBERTO — Reflita, minha senhora; olhe que qualquer imprudência pode produzir-lhe um desgosto irreparável.

D. LEONOR — Ordeno-lhe que me prive de sua presença.

ROBERTO — Não precipite os acontecimentos.

D. LEONOR — Quer que chame os meus criados para enxotá-lo?

ROBERTO — Assevero-lhe que não serei eu o mais prejudicado.

D. LEONOR — Oh! é demais! Êste cinismo revolta-me.

ROBERTO — E que direi eu de sua obstinação?

D. LEONOR — E ainda se atreve a permanecer nesta sala?

ROBERTO — De certo: se ainda não entramos em acôrdo.

D. LEONOR — Não quero ouvi-lo.

ROBERTO — Olhe: o negócio é muito simples, mas muito sério.

D. LEONOR — Aonde quer chegar?

ROBERTO — Já vai sabê-lo. Ouça-me. Se consentir em pertencer-me tudo vai bem.

D. LEONOR — E se recusar?

ROBERTO — Resta-me o direito de proceder como entender.

D. LEONOR — Ameaça-me?

ROBERTO — Não; advirto-a. Vê êstes papéis? Sabe o que contêm? Nada mais, nada menos que uma terrível conspiração contra o govêrno da metrópole.

D. LEONOR — E que tenho que ver com isso?

ROBERTO — Mais do que pensa. Vai ver.

D. LEONOR — Virá denunciar-me?

ROBERTO — Não a V. Exa., mas alguém por quem intimamente se interessa.

D. LEONOR — Que diz?

ROBERTO — Cartas na mesa e jôgo franco. Tenho em meu poder a lista dos conjurados na qual o Sr. Fernando de Alencar figura como presidente.

D. LEONOR — Fernando?

ROBERTO — Sim e creio que é um título mais que suficiente para habilitá-lo a transpor as portas de um presidio ou a subir as escadas de um patíbulo.

D. LEONOR — E o que tenciona fazer?

ROBERTO — Uma simples e razoável transação.

V. Exa. conceda-me a sua mão, e eu cedo-lhe êstes papéis.

D. LEONOR — Rejeito.

ROBERTO — Reflita. Uma denúncia pode perdê-lo.

D. LEONOR — Entre um patriota e um denunciante, entre um rasgo de heroísmo e a baixeza de uma vingança, entre uma espada que combate e um punhal que assassina, entre a honra de um cavalheiro e a perfídia de um bandido, a escolha por certo não será difícil.

ROBERTO — E então?

D. LEONOR — Há entes para os quais o ódio é um título de nobreza e o desprezo uma medalha de mérito. Sr. Roberto, eu o abomino!

ROBERTO — Ainda uma vez peço-lhe que reflita. Trago em uma mão uma seta e na outra um ramo de oliveira: a felicidade ou o martírio, a paz ou a guerra. Qual prefere?

D. LEONOR — A guerra!

ROBERTO — Pois bem; já que aceita o meu repto, eu lhe prometo que serei um adversário digno de seu ódio e de seu desprezo. Fêz-me verter lágrimas de fel, fá-la-ei verter lágrimas de sangue! (*Sai.*).

### CENA 7ª

*D. Leonor (só)*

D. LEONOR — O miserável é bem capaz de pôr em prática os seus infames desígnios. É preciso avisar quanto antes Fernando do perigo que o ameaça. (*Sai.*)

## CENA 8ª

*D. Pedro de Ataíde (só)*

D. PEDRO — Era só o que me faltava ver neste século das luminárias, um republicano de saias! Realmente aquela senhora D. Leonor não tem a bola no seu verdadeiro lugar. Donde lhe surgiram agora essas idéias extravagantes? Terá por ventura o clima desta terra a nociva e singular propriedade de degenerar as raças, de arrefecer êsse nobre ardor de que tanto se ufanavam os nossos augustos antepassados? Não; haja o que houver, hei de manter ilesa a dignidade de minha prosápia!

## CENA 9ª

*D. Pedro de Ataíde e José Minhoto*

MINHOTO — Salve Deus tal lugar e tão bom senhor.

D. PEDRO — Então que é isto, Sr. José? Já de volta por esta terra?

MINHOTO — E entonse! Nanjá eu que ficasse um só dia mais naquele excomungado Parnambuco.

D. PEDRO — E por que? Foi-se mal de negócio? Há alguma coisa de mais lá pelo seu Parnambuco?

MINHOTO — E entonse! Pois ainda não sabe das nobidades?

D. PEDRO — Se soubesse era excusado interrogá-lo.

MINHOTO — Entonse eu desembucho de uma feita. Saberá V. Exa. que foi-se tudo com todos os diabos!

D. PEDRO — Foi-se tudo como? Explique-se se quer que o compreenda.

MINHOTO — Ora como habia de sêre. Arreventou a rebolução.

D. PEDRO — Arrebentou a revolução?

MINHOTO — E entonse! Tão certo como S. João a 24. Os patriotas estão pintando os canecos em Parnambuco. É uma água suja de todos os pecados. Só se ouve nas ruas, nas praças, nas esquinas, nos becos, mata, mata marinheiro. Nada, meu amigo, disse eu, o negócio está fedendo a chamusco e cá o Zê está muito magrinho para servir de pastel a esta corja de perros que o demônio confunda para descanso da gente boa e glória de nossa santa religião!

D. PEDRO — Oh! é inacreditável tão audaciosa violência!

MINHOTO — Ao ver o pampeiro que se aproximava fiz a minha trouxa, virei de bordo, abri o velaço e encomendando minha alma a N. S. da Bonança, azulei no ôco do mundo de vento a pôpa que foi um gôsto.

D. PEDRO — E que fêz o governador que não tomou as providências necessárias para castigar êsses infames rebeldes?

MINHOTO — O Governador? Coitado! se já bem andou deve estar a essa hora tomando fresco na Ilha das Cobras.

D. PEDRO — Fugiu?

MINHOTO — Pior do que isso.

D. PEDRO — Rendeu-se então? Foi prisioneiro?

MINHOTO — E entonse! que jeito êle habia de dar? Catinga de pólvora não enche barriga e ponta de espada não é pai nem mãe de ninguém.

D. PEDRO — De sorte que Pernambuco?...

MINHOTO — Está completamente nas unhas dos gaviões. É o caso de se dizer: quem tiver pernas compridas que coira.

D. PEDRO — Nunca! não há de ser assim! Não se escarnece de modo tão indigno do poder de um povo que tem o troféu de suas glórias estampado na pôpa de suas galeras, a prova de sua coragem assinalada nos campos imemoráveis de Fez e de Marrocos e que tem a história de suas conquistas esculpida nas volutas suntuosas dos pagodes de Brahma e nas fachadas seculares das pirâmides do Egito! Hão de pagar caro a sua desmedida audácia!

MINHOTO — Entonse, Sr. D. Pedro, a minha obrigação está feita.

D. PEDRO — Vá, Sr. José, Deus é grande.

MINHOTO — E o mato ainda é maior. Agora dê-me licença que eu vou dar um abraço na minha cachôpa e uma beijoca na minha carrapetinha. S. Antônio nos livre das garras daqueles marranos! (*Sai.*)

### CENA 10ª

*D. Pedro de Ataíde e um Criado*

CRiado — Uma carta para o Sr. D. Pedro.

D. PEDRO — E traz o carimbo de Pernambuco. A letra parece-me do amigo Mascarenhas. Agora é que vou saber precisamente de tôda a verdade. (*Lê.*) "Horível situação. A revolução triunfou. Pernambuco está em poder dos patriotas. O governador foi prêso e deportado. Seguiram emissários para diversas províncias com missões especiais. O Ceará e o Rio Grande do Norte estão agitados. Horror e mais horror. A Bahia procura reagir. O Conde dos Arcos já fêz seguir um exército para bater os patriotas. A nossa dignidade está comprometida e nossa honra em perigo. Cumpramos o nosso dever."

### CENA 11ª

*D. Pedro de Ataíde e Jorge*

D. PEDRO — Nem mais um instante de demora! É preciso quanto antes sufocar essa infame revolta. (*Chamando.*) Jorge, oh Jorge?

JORGE — Aqui estou, meu pai.

D. PEDRO — Sabes que a dignidade de nossa pátria está em perigo? Que uma horda de salteadores sem lei e sem religião acaba de hastear o estandarte negro da revolta, de inaugurar o regime do crime, de proclamar a soberania da violência na infeliz e sempre leal província de Pernambuco?

JORGE — Contava com isso. Não me surpreende este fato. A rivalidade que há muito tempo semeia a discórdia entre os brasileiros e os nossos compatriotas devia mais cedo ou mais tarde produzir as suas desastrosas conseqüências.

D. PEDRO — É um insulto que não devemos deixar sem a devida repressão. É um atentado monstruoso contra o qual devem protestar os nossos brios de fidalgos e a nossa honra de portugueses.

JORGE — Aguardo as vossas ordens para cumprir o meu dever.

D. PEDRO — São breves e terminantes. Veste a tua farda, empunha a tua espada, acende a tua coragem e parte para o combate.

JORGE — Disponde de mim como vos aprouver. A vós compete mandar, a mim obedecer.

D. PEDRO — Vai, meu filho, vai mostrar a essa cáfila de vilões que aquêles que não temeram afrontar a cimitarra indômita dos inimigos de nossa fé nos areiais inóspitos do velho mundo, ainda têm bastante valor para repelir o punhal homicida dos assassinos de nossa pátria, nas campinas verdejantes do nôvo continente.

JORGE — Serão fielmente cumpridas as vossas determinações.

D. PEDRO — E sobretudo nada de quartel, nada de tréguas! Guerra de morte! Guerra de extermínio! Nem compaixão, nem piedade! Fuzila, enforca, incendeia, arrasa, extermina. Faze de teu braço um furacão

e de tua espada um raio. Nada poupes. Não deixes pedra sobre pedra. Sê tigre, sê tempestade, sê Átila; transforma-te, multiplica-te, não durmas, não comas, não descanses enquanto a nossa vingança não estiver satisfeita, enquanto não vires o solo juncado dos cadáveres de todos os bandidos. Ah! minha nobre espada, quanto me dói nalma não poder oferecer-te ainda um banquete de sangue!

JORGE — Podeis ficar descansado, meu pai, que por mais arriscado que seja o meu pôsto saberei defendê-lo dignamente.

D. PEDRO — Lembra-te bem do que te digo. Nada de demência! nada de fraqueza! Ferro e fogo, eis a tua legenda.

JORGE — E as mulheres?

D. PEDRO — As mulheres?... Perdoa-lhes porque são mártires.

JORGE — E as crianças?

D. PEDRO — Beija-as, porque são anjos. (*Jorge sai.*)

## CENA 12ª

### *D. Pedro e Roberto Nunes*

ROBERTO — Dá licença, Sr. D. Pedro?

D. PEDRO — Entre, Sr. Roberto, e não repare neste desalinho e nesta exaltação em que me encontra. Que deseja?

ROBERTO — Negócio de alta importância me obriga a roubar-lhe nesta ocasião alguns momentos de atenção.

D. PEDRO — De que se trata?

ROBERTO — De uma miserável conspiração que afeta os seus brios de fidalgo e põe em risco a sua existência.

D. PEDRO — Uma traição? E quem é o mesquinho vilão que ousa menoscabar do meu prestígio, zombar de minhas cãs e atentar contra a minha existência?

ROBERTO — Aquêlê mesmo a quem distingue com sua amizade, a quem honra com sua confiança.

D. PEDRO — De quem fala, senhor? Acaso ousa?...

ROBERTO — Nada ousa, digo simplesmente a verdade.

D. PEDRO — Então o traidor é...

ROBERTO — Fernando de Alencar, o vosso protegido, o desposado de vossa filha.

D. PEDRO — Fernando de Alencar? Mente, senhor!

ROBERTO — Sinto confessar-lhe; mas não podia furtar-me a êste dever, embora penoso.

D. PEDRO — Avança uma proposição caluniosa, senhor! Fernando de Alencar é incapaz de uma infâmia!

ROBERTO — Tenha a bondade de ler êstes papéis. É a lista dos conspiradores, e o plano de uma conjuração tramada com o intuito de hastear no Brasil a bandeira lutuosa da República. Estão assinados pelo próprio punho dos delinqüentes.

D. PEDRO — (*Lendo*) Fernando de Alencar, Presidente. (*Arremessa o papel.*) Oh! é vileza demais! A minha confiança cegou-me a ponto de insultá-lo! Queira desculpar-me, Sr. Roberto.

ROBERTO — Está convencido, Sr. D. Pedro? Será por ventura quem assim pratica digno ainda do sagrado nome de filho?

D. PEDRO — Não! nunca! A traição é um atentado que não se justifica, a ingratidão uma infâmia que não se perdoa. Ainda bem que a sua lealdade, senhor, chegou a tempo de salvar a minha honra, de evitar um sacrilégio! Oh! mas êle que trema, êle que trema de minha indignação! Ah! Fernando, de que modo correspondes ao afeto que te consagrava! (*Senta-se.*)

ROBERTO — Está ganha a partida! Alguns dias mais e o meu triunfo será completo! Vingo-me ao mesmo tempo do orgulho de um fidalgo, do desprezo de uma mulher e da fatuidade de um rival.

D. PEDRO — Ainda mais esta humilhação! Um insulto atirado à minha pátria e uma punhalada vibrada no meu coração! (*Senta-se abatido.*)

### CENA 13ª

*D. Pedro de Ataíde, Fernando de Alencar  
e Roberto Nunes*

FERNANDO — Sr. D. Pedro...

D. PEDRO — (*Erguendo-se*) Para traz, vilão! Para traz, hipócrita! Para traz, indigno aventureiro!

Esta causa não é antro de tigres, não é ninho de abutres, não é espelunca de salteadores!

FERNANDO — Surpreende-me, senhor, tão insólita invectiva! Asseguro-lhe que outro homem qualquer, que não fôsse o Sr. D. Pedro de Ataíde, teria experimentado sem demora a consequência inevitável de seu louco arrôjo! Que quer isto dizer?

D. PEDRO — Leia, leia êste papel e diga-me o que merece o signatário de semelhante infâmia!?

FERNANDO — Ah! Compreendo tudo! (*Para Roberto*) Miserável, faltaste à tua promessa, quebraste o teu juramento, traíste os teus companheiros: vais pagar a tua vilania! Em guarda, ignóbil denunciante!

ROBERTO — Mal vai o negócio. Mas é uma covardia, senhor, contra todos os princípios de cavalheirismo atacar desta forma um homem desarmado.

D. PEDRO — Não importa. Que venha! Estou eu aqui para substituí-lo. Aceito o repto e apanho a luva. Sr. Fernando de Alencar, creio que ainda sou um adversário bastante digno de bater-se com o chefe de uma quadrilha de bandidos.

FERNANDO — Senhor!

D. PEDRO — Estou velho, é verdade, mas ainda me resta nestes braços trêmulos energia bastante para repelir uma afronta e neste peito de gelo coragem suficiente para castigar uma perfidia!

FERNANDO — Um duelo!

D. PEDRO — Sim! Êste senhor será o meu padrinho; quanto à sua testemunha basta-lhe a memória de seu pai.

FERNANDO — Nunca! (*Atira a espada.*) Prefiro quebrar as minhas armas a voltá-las contra o meu benfeitor. (*Cruza os braços.*)

D. PEDRO — Benfeitor! E porque ousou conspirar contra o meu soberano, porque menosprezou do afeto que lhe consagrava?

FERNANDO — Por que? Porque acima das prerrogativas de vosso soberano estão os interesses de minha pátria, porque acima da afeição de um só homem está o amor de uma geração inteira!

D. PEDRO — Nem mais uma palavra! Saia! Não quero mais vê-lo! Condeno-o à ignomínia! (*Sai com dignidade.*)

FERNANDO — Saberei sofrer com dignidade! (*Vai a sair e encontra-se com Leonor.*) Oh! minha querida Leonor! Que fatalidade!

D. LEONOR — (*Entra apanha a espada e entrega a Fernando.*) Ouvi tudo, Fernando. Eis a tua espada. Parte, cumpre o teu dever e salva a tua pátria! Ou com ela ou sobre ela!

FERNANDO — E se eu morrer, Leonor?

D. LEONOR — Eu morrerrei também! (*Abraçam-se.*)

ATO II

## OS DOIS HERÓIS

O cenário representa uma sala do quartel general dos independentes. Vê-se ao fundo uma lagoa. À direita duas portas, uma que deita para o estado-maior e outra para uma reserva. À esquerda outras duas portas entre as quais vê-se uma mesa onde comem e bebem dois soldados patriotas.

Por toda parte armas e petrechos bélicos. Entre as duas portas da direita vê-se um cofre de madeira contendo dinheiro. Ao levantar o pano ouve-se a corneta tocar reunir.

### CENA 1ª

#### *Primeiro e Segundo Soldados*

1º SOLDADO — Toque de reunir! Malditos realistas!

2º SOLDADO — É sempre assim! Não temos tempo nem de meter um bocado no bucho!

1º SOLDADO — Nem de enxugar um copo de aguardente.

2º SOLDADO — Safa! Nestes últimos dias temo-nos visto numa roda viva de Herodes para Pilatos.

1º SOLDADO — Com efeito! Tem sido uma esfrega de todos os diabos! São marchas forçadas todos os dias, sentinela dobrada a tôdas as horas, revistas a todos os minutos; mal comidos, mal bebidos, mal dormidos, enfim uma lufa-lufa que não nos deixa tomar fôlego.

2º SOLDADO — E tudo isso para quê? Para levarmos a breca. Fica sabendo que não dou um cigarro podre pela nossa República.

1º SOLDADO — Eu já botei o coração ao largo. Se tiver de esticar a canela tanto me faz que seja no dia como na véspera. Não tenho a vida para negócio, e se hei de morrer de pasmaceira na enfermaria de um hospital prefiro bater a bota no campo da batalha.

2º SOLDADO — Com tanto que nos facultem o direito de morrer de bandulho cheio e de gorgomilos quentes.

1º SOLDADO — É verdade! Que pretendem fazer do oficial que foi prisioneiro no último combate?

2º SOLDADO — Êste está despachado. Foi julgado e condenado à morte. Hoje mesmo terá lugar a execução.

1º SOLDADO — Pois é pena, porque há muito não vejo tanta coragem nem tanto sangue frio. Igual a êle só o nosso simpático Capitão Fernando Alencar, valente como um leão e amigo da gente a valer. (*Segundo toque de reunir acelerado.*)

2º SOLDADO — Toca para a frente, que Sinhá Lili está se zangando.

1º SOLDADO — Espera um pouco, homem; para morrer ainda nos sobra tempo. É preciso não deixarmos acesas estas lanternas que podem incendiar o edifício e fazer voar o paiol.

2º SOLDADO — Tens razão! Um último trago à saúde de nossa defunta República!

1º SOLDADO — Até o purgatório! (*Bebe.*)

2º SOLDADO — Ou até o inferno! (*Bebe.*)

1º SOLDADO — Morram os realistas! (*Saem.*)

2º SOLDADO — Morram os marinheiros! (*Toque de comando em chefe.*)

### CENA 2ª

*General Cavalcânti, Coronel Vitorino e Roberto Nunes*

GENERAL — Responda-me com tôda franqueza militar, Coronel. Que tal lhe parece a nossa situação?

CORONEL — Gravíssima! Só um milagre poderá salvar a República.

GENERAL — Tenente Roberto, com que forças podemos contar para entrar em ação?

ROBERTO — Trago aqui a relação (*Lê.*) Fôrças reconduzidas das Alagoas pelo Coronel Vitorino 300. Que trouxe o ajudante Dantas 100. Que trouxe José Mariano 100. Milícias e escravos do General Cavalcânti 1 200. Exército do Martins 400. Guerrilhas do Padre Souto Maior 400. Total 2 500 homens.

GENERAL — E artilharia?

ROBERTO — Podemos dispor de 6 peças.

GENERAL — É muito pouco, mas o que faltar será substituído pelo valor militar. 2 500 soldados decididos equivalem a 2 500 leões. Onde estiver a consciência está a justiça, onde estiver o heroísmo está o triunfo. Conto com a nobreza de minha causa e com os brios de meus camaradas. Quando se luta pela liberdade cada peito é um baluarte, cada coração uma granada, cada soldado uma legião.

CORONEL — Pode contar conosco, General. O número de nossos inimigos não nos assombra, o esplendor de suas vitórias não nos fará recuar. 300 espartanos nos desfiladeiros das Termópilas obstaram a passagem do exército persa, o mais considerável da antiguidade. Alexandre Magno com 35 mil soldados escolhidos conquistou o mais vasto de todos os Impérios, e Napoleão, tendo somente a França inflamada do fogo sagrado da liberdade, viu subjugada a seus pés a Europa inteira coligada para aniquilá-la. Sim! Quanto mais grave fôr o perigo, mais glorioso será o triunfo, quanto mais avultados forem os sacrifícios, mais fecundas serão as nossas doutrinas.

GENERAL — Enquanto houver um braço que maneje uma espada e um coração que pulse pela pátria, o General Cavalcânti não se renderá!

CORONEL — Nada de recuar. A sorte está lançada. Se ficarmos esmagados na luta, resta-nos o consôlo de legarmos aos nossos descendentes a verdade de nossas crenças, a pureza de nossos princípios, a majestade de

nosso exemplo. Quem tomba com honra levanta-se com glória. Quem sucumbe por uma idéia ressuscita na posteridade. (*Toque de sentido.*)

GENERAL — A propósito. Já deu as necessárias providências para a execução do Capitão Jorge de Ataíde?

CORONEL — O Sr. Tenente Roberto ficou encarregado dêste negócio.

ROBERTO — Já está tudo preparado.

GENERAL — É verdade. Como teve outrora relações de amizade com a família do condenado, fará o obsêquio de fazer chegar às mãos competentes estas medalhas. São condecorações de alto mérito que muito honram a quem as soube conquistar.

CORONEL — E de fato. O brioso e valente oficial as merecia.

GENERAL — Tão brioso e valente que não duvidaria revogar-lhe a sentença, se êle se compromettesse a prestar-nos o auxílio de sua valorosa espada.

### CENA 3ª

*General Cavalcânti, Coronel Vitorino, Roberto Nunes e Jorge de Ataíde*

JORGE — Uma retratação? Nunca! Prefiro os horrores do cárcere aos remorsos da traição, a morte heroica no campo da honra à liberdade ignóbil nos arraiais da infâmia. Engana-se quem tão vilmente me

julgo capaz de vender o meu braço por uma migalha de comisseração!

GENERAL — Dou-vos o pôsto de Major.

JORGE — Guardai-o para os renegados.

GENERAL — De Tenente-Coronel.

JORGE — Sou realista, senhor, não insulteis a minha bandeira.

GENERAL — Dou-vos o comando de tôdas as minhas tropas.

JORGE — É muito para um vilão, mas muito pouco para um fidalgo.

GENERAL — Que desejais então?

JORGE — Se quereis distinguir-me, senhor, apressai a minha execução.

GENERAL — Tenente Roberto, cumpra o seu dever.

JORGE — Obrigado, General! (*Entra.*)

#### CENA 4ª

SARGENTO — Pronto! Sr. General.

GENERAL — Que há de nôvo?

SARGENTO — O Sr. Ajudante manda comunicar a V. Exa. que o exército inimigo acaba de acampar nas margens da lagoa e que segundo os preparativos que desenvolve parece que pretende atacar-nos pelos flancos.

GENERAL — Diga ao Sr. Ajudante que estou avisado e que se mantenha firme na posição que lhe indiquei.

SARGENTO — Manda também comunicar a V. Exa. que já pouca pólvora resta.

GENERAL — Temos ainda o fogo de nosso patriotismo para fazer detonar o canhão da liberdade.

SARGENTO — E que as balas não chegam para sustentar um tiroteio de meia hora.

GENERAL — Serão substituídas pelas moedas contidas naquele cofre. Será um modo mais digno de receber os nossos adversários.

CORONEL — Ao menos não se dirá que a República faltou com os deveres da hospitalidade.

ROBERTO — V. Exa. sacrifica êste dinheiro, e amanhã como pagaremos as tropas? (*Toque de estender em linha de atiradores.*)

GENERAL — Amanhã... ou seremos cadáveres e de nada precisamos, ou seremos vitoriosos e teremos tudo. Coronel, o inimigo ataca-nos no último de nossos redutos. É preciso que vendamos caras as nossas vidas. É mister vingar a todo transe o suplicio de Abreu e Lima, elevar bem alto o ideal de Tiradentes e dizer como Francisco I na batalha de Pavia: Tudo perdeu-se, menos a honra.

CORONEL — Sim, é preciso provarmos que não é sem dificuldade que se conspurca a liberdade de um povo grande, que se profana impunemente o santuário de uma idéia santa; que a chama do dever tanto brilha

no peito de um lusitano como no coração de um brasileiro! (*Toca avançar. Saem.*)

## CENA 4ª

*Fernando (entra triste e preocupado)*

FERNANDO — Que angustiosa situação! Que luta desesperada! Que aflitivo transe! Jorge está a dois passos daqui, prêso e condenado à morte! E terei eu coragem para consenti-lo? Sim: eu posso salvá-lo, mas será licito fazê-lo? Será justo restituir à liberdade um inimigo de minha pátria? Cruel alternativa! Salvá-lo é trair à República, não salvá-lo é mentir à minha lealdade. Como decidir? Libertá-lo não é ser traidor? Perdê-lo não é ser ingrato? Oh! mas porque vacilo eu? Não foi para isso que tomei tôdas as precauções? Não foi para isso que afrontei com todos os perigos? Vamos; perco a minha existência, mas cumpro a minha palavra.

## CENA 5ª

*Fernando de Alencar e Jorge de Ataíde*

JORGE — Oh meu Deus! O que vejo? Será crível? Tu aqui, Fernando?

FERNANDO — Jorge, meu caro Jorge, que fatalidade!

JORGE — Mas o que é isso, Fernando? Como explicar a tua presença nesta sala, quando os teus companheiros se batem no campo na honra, quando o

dever te reclama em outra parte? Esqueces, por ventura, que és soldado e soldado patriota?

FERNANDO — Não; mas é preciso não esquecer também que sou amigo e amigo dedicado que não trepida, que não vacila, que não recua quando é preciso desobrigar-se de um compromisso sagrado.

JORGE — Que significação têm estas tuas palavras?

FERNANDO — Ainda não as compreendeste?

JORGE — De modo algum, se não te explicas francamente. Dize-me porque não estás ao lado de teus camaradas? Por que evitas o combate, por que estás tu aqui?

FERNANDO — Por que? Porque quero salvar-te.

JORGE — Sonhas ou deliras, meu amigo. Ignoras que sou prisioneiro de guerra e que tenho de ser passado pelas armas daqui a poucos momentos?

FERNANDO — Nunca.

JORGE — E quem o há de impedir?

FERNANDO — Eu! assim o jurei, assim o hei de cumprir!

JORGE — E qual o meio? Pensas por ventura em solicitar o meu indulto?

FERNANDO — Não; mas penso em facilitar-te a liberdade.

JORGE — Uma evasão?

FERNANDO — E por que não? É o único meio que nos resta.

JORGE — E que responderás quando perguntarem pelo prisioneiro confiado à tua lealdade?

FERNANDO — Que minha consciência está tranqüila e meu peito à mercê de suas balas!

JORGE — Imprudente! E não vês que eu seria o mais desprezível dos homens se aceitasse o teu sacrifício?

FERNANDO — Recusas então essa insignificante prova de minha amizade?

JORGE — E chamas insignificante prova de amizade um suicídio. E a República?

FERNANDO — É tão honroso succumbir por uma idéia como morrer por um amigo.

JORGE — Fernando, tu não tens o direito de dispor de tua existência! A tua temeridade é um roubo; entendes?

FERNANDO — Ela me perdoará!

JORGE — Não insistas; é impossível anuir ao que me propões: seria uma covardia, e um fidalgo não treme; seria uma deserção, e um militar não foge; seria uma baixeza e um Ataíde não desce.

FERNANDO — E teu pai?

JORGE — É muito velho para morrer de pena, mas muito altivo parece corar de pejo.

FERNANDO — E tua irmã?

JORGE — Teu amor a protegerá.

FERNANDO — Obstinação fatal! Cegueira incompreensível!

JORGE — Não me condenes; conheço-te bem e sei que no meu lugar farias o mesmo.

FERNANDO — Eu sou um órfão, nada tenho a perder.

JORGE — Mentas! Tu tens uma mãe, e a pátria!

FERNANDO — Então preferes a morte?

JORGE — Por semelhante preço, prefiro.

FERNANDO — Contava com isto; não há outro meio de obrigá-lo; felizmente vim prevenido. Jorge, é preciso que saibas que assim como tu eu também estou condenado; tu a morrer passado pelas armas, eu defendendo palmo a palmo o último reduto de nossa independência. Hoje é talvez o derradeiro dia da República e eu só abandonarei o meu pôsto depois que tiverem passado por cima de meu cadáver.

JORGE — O teu dever assim o prescreve.

FERNANDO — E uma vez que vamos nos separar para sempre, proponho que celebremos os nossos funerais de um modo digno de dois soldados que se prezam, de dois adversários que se respeitam, de dois amigos que se estremecem.

JORGE — É uma compensação do destino. Unidos na felicidade, unidos no infortúnio.

FERNANDO — Façamos o nosso último brinde, o brinde de honra. (*Tira uma garrafa que traz escondida na blusa e despeja nos copos que estão sobre a mesa.*)

JORGE — (*Tomando um copo*) — Viva o rei de Portugal! (*Bebe.*)

FERNANDO — (*Tomando o outro copo*) Viva a República do Equador! (*Finge que bebe.*)

JORGE — Adeus, Fernando!

FERNANDO — Adeus, Jorge. (*Abraçam-se.*)

JORGE — Mas que tenho eu? Sinto a vista turva, as pernas vacilantes, a cabeça pesada, um suor, uma vertigem, será isto a agonia da morte?

FERNANDO — Não, Jorge, são os prelúdios da liberdade.

JORGE — O que fizeste, Fernando? O que me deste a beber foi veneno?

FERNANDO — Não, foi a vida.

JORGE — Ah! não posso... não posso... (*Cai adormecido sobre uma cadeira.*)

FERNANDO — Enfim! (*Chamando*) Cabo Amaral!

CABO — Pronto, meu capitão!

FERNANDO — Veja um outro companheiro de confiança e conduza quanto antes este oficial pela porta do engenho que deita para a mata e ponha-o a salvo de todo o perigo. (*Toque de marcha.*)

CABO — É impossível, meu Capitão. O engenho está cercado por todos os lados. Não há uma só saída

livre e o piquete tirado para a execução já entrou no pátio.

FERNANDO — Fatalidade! Depressa, depressa para a reserva. (*Conduzem Jorge adormecido para a reserva.*)

### CENA 6ª

*Fernando de Alencar, Roberto Nunes, Um Sargento, Soldados patriotas com o estandarte à frente*

ROBERTO — Frente à direita! alto! Sargento, abra aquela porta e conduza para fora o prisioneiro.

FERNANDO — É escusado, Senhor; o prisioneiro já não se acha neste lugar.

ROBERTO — Como assim? E onde se acha então?

FERNANDO — Gozando de sua plena liberdade. Abriam-lhe as portas da prisão.

ROBERTO — E quem o autor de semelhante infâmia?

FERNANDO — O autor do ato que o senhor teve a gentileza de qualificar de infâmia está em sua presença.

ROBERTO — O senhor? E desconhece por ventura as conseqüências desta imprudência, a gravidade deste passo, a responsabilidade deste delito?

FERNANDO — Dispensso-o de lembrar-me aquilo de que tenho perfeito conhecimento. Sou militar e estamos em guerra.

ROBERTO — A nossa lei é terminante...

FERNANDO — Cumpra-a: não faz mais do que o seu dever.

ROBERTO — Decididamente o diabo me protege. (*Para os soldados.*) Patriotas, a República foi traída e não é mais um adversário que temos de executar, é um traidor!

FERNANDO — Miserável! E não te sobe o pudor às faces, e não sentes o cáustico da tua consciência requeimar-te os lábios ao pronunciarestes esta odiosa blasfêmia? Traidor! E que direi de ti, falso patriota, que denunciaste os teus companheiros, que vendeste a tua espada, que abandonaste o teu rei e que repudiaste a tua pátria?

ROBERTO — Nem mais uma palavra! Um condenado de sua laia não tem a faculdade de insultar um militar nas minhas condições.

FERNANDO — Que profanação! Um infame aventureiro não pode merecer jamais este título. Militar é aquele que nobilita a sua farda, que arrisca desinteressadamente a sua vida nos campos da batalha, que verte heróicamente o seu sangue em defesa de sua causa, que morre, enfim, amortalhado com a bandeira de suas crenças. Quem não tem um coração afeito a tôdas as lutas, um peito capaz de todos os sacrifícios, uma alma aberta a tôdas as generosidades não pode ser militar. Quem diz soldado, diz coragem, dedicação, honra, brio, dever, amor e glória, e Roberto Nunes, o delator, o trãnsfuga, o pérfido, o vendido, o judas não pode ser militar. O brilho dos galões de um bravo é

incompatível com a escuridão da consciência de um covarde. A farda de um gigante é nobre de mais para o corpo disforme de um pigmeu! A medalha de mérito que enobrece os peitos de um herói não pode figurar no peito gangrenado de um galé!

ROBERTO — Será de curta duração a sua arrogância. Soldados, preparar e carregar! (*Os soldados carregam as armas.*)

FERNANDO — Eu compreendo quanto de brutal satisfação lhe vai nessa alma de lodo, mas convença-se de que os seus mesquinhos triunfos não lhe hão de facilitar os ignóbeis troféus que tanto ambiciona. A justiça há de arrancar-lhe um dia a máscara da hipocrisia com que se acoberta para mostrar a face do universo inteiro o mais desprezível dos renegados!

ROBERTO — Acabemos de uma vez com esta comédia. Quer que lhe vendam os olhos?

FERNANDO — Isto é próprio dos pusilânimes. Guarde-o para quando chegar a sua vez.

ROBERTO — Apontar! (*Os soldados apontam as armas com sinais de constrangimento.*)

FERNANDO — (*Tira do bôlso um retrato e coloca no peito.*) Esperai! Camaradas, o vosso capitão vai morrer porque soube cumprir um dever, porque soube respeitar um juramento. Vêdes este retrato? Pois bem! atirai sôbre êle; quero que penetre no meu coração ao mesmo tempo que as balas de vossas carabinas. É o último obséquio que prestais ao vosso capitão. (*Os soldados começam a chorar.*) Não choreis, filhos ar-

dentes da liberdade, irmãos estremecidos de Miguelinho, sinceros e infatigáveis batalhadores da democracia! Sêde fortes para defender a pátria, sêde firmes para garantir o futuro, sêde briosos para conquistar os aplausos da posteridade! Agora um último abraço de despedida! (*Abraça os soldados, toma depois a bandeira, beija e ajoelha abraçado com ela.*) Oh! divino estandarte de minhas crenças, sacrossanto ideal de minhas esperanças, quanto sinto não poder consagrar-te por mais tempo o valor de meu braço, os transportes de minha coragem, a grandeza de minha dedicação. Vou morrer e tu que eu sonhava conduzir-te como vencedor, por sobre as hostes esmagadas do inimigo, encimada na lança do direito e desfraldada às brisas quentes e vivificantes da liberdade, vais servir-me neste momento de mortalha! Complete-se o sacrifício! Lego o meu sangue à República e a minha maldição aos inimigos da Luz! (*O Sargento troca sinais de inteligência com os soldados.*)

ROBERTO — Fogo!

SARGENTO — Suspendei!

ROBERTO — Que fazeis, subordinados? Desobedeceis as ordens de vossos superiores?

SARGENTO — Ordens ilegais não se cumprem; oficiais desta ordem não se fuzilam!

ROBERTO — Covardes!

SARGENTO — Viva o Capitão Fernando de Alencar!

FERNANDO — Viva a República! (*Toque de avançar.*)

ROBERTO — Raios do inferno!

FERNANDO — Obrigado, camaradas! Obrigado, meus irmãos! Sr. Roberto Nunes, sua missão está terminada. Se é homem de brios, se ainda lhe resta nas faces um resquício de pudor e nas veias uma gôta de sangue que não esteja corrompido arranque êstes galões que nunca soube respeitar e meta incontinenti uma bala nos seus miolos.

ROBERTO — Em tempo me pagarás. Se escapaste às balas das carabinas não escaparás à ponta de meu punhal! (*Sai.*) (*Toque de fogo.*)

FERNANDO — Travou-se o combate! É chegado o momento supremo dos sacrifícios heróicos! A República nos últimos paroxismos, traída pela covardia, esmagada pelo despotismo, reclama tôda coragem de nossos feitos, todo brio de nossos sentimentos, todo prestígio de nossa fé. É perigosa a situação? Pois bem! é mais meritório cair como Spartacus do que subir como Nero. É mais nobre ser o último soldado nas fileiras da República, do que o primeiro dos generais nos arraiais da infâmia! (*Toque de refôrço.*)

SARGENTO — Toque de refôrço!

FERNANDO — Camaradas! quando se luta pela independência uma gôta de sangue vale um poema de luz, uma ferida qualquer vale uma medalha de mérito, a morte de um bravo vale uma epopéia de glória! Ao combate, e quem fôr brasileiro que me siga! (*Toque de carga.*)

SARGENTO — Viva o Capitão Fernando de Alencar!

SOLDADOS — Morram os realistas! Morram os marinheiros!

FERNANDO — Viva a liberdade! Avança! (*Saem.*)

*Roberto (só, envólto num capote, espreita a cena)*

ROBERTO — Está deserta a praça! A ocasião não pode ser mais favorável! A República está morta, não tem mais o que dar; agora é tratar de pôr-me ao fresco e aproveitar as vantagens da situação. Com o dinheiro dos patriotas e estas condecorações estou com a fortuna feita. O General Cavalcânti, a quem tive a habilidade de iludir e cuja vida salvei no último combate, merecendo por isso toda sua confiança, não pode por mais tempo sustentar a sua posição. Mãos à obra! Enquanto eles se matam lá por fora, eu vou depenando-os cá por dentro. (*Abre o cofre, tira todo o dinheiro, esconde e sai.*) Agora! A minha vingança!

#### CENA 8ª

*Fernando (que entra defendendo-se contra alguns soldados realistas)*

SOLDADOS — Rende-te, miserável republicano!

FERNANDO — Nunca! Um patriota morre, mas não se entrega!

#### CENA 9ª

*Fernando, Soldados e Jorge de Ataíde*

JORGE — Suspendei! Soldado d'El-rei de Portugal.

SOLDADOS — O Capitão Jorge de Ataíde!

JORGE — Sim; o vosso capitão que vos ordena que embainheis a vossa espada e respeiteis a vida deste brioso oficial!

SOLDADOS — É nosso inimigo!

JORGE — É o meu salvador! (*Os soldados recuam.*)

FERNANDO — Obrigado, Jorge!

JORGE — Era uma dívida de honra. Precisava pagá-la.

FERNANDO — Jorge a tua causa triunfou! A República, o sonho de ontem, é hoje um eclipse, para ser amanhã um arrebol. Olha! aquêles espetáculo é digno de uma apoteose. É o anjo da Glória coroando os heróis que dormem para sempre no campo da honra o sono tranqüilo e fecundo da liberdade! (*Ouve-se um grande estampido, tomba a parede do fundo deixando ver o campo da batalha. O coronel Vitorino está morto com os olhos vendados sobre uma peça.*)

JORGE — (*Tirando o boné*) — Oremos por eles.

FERNANDO — Jorge, estou vencido, sou teu prisioneiro, eis a minha espada! Agora lavra a minha sentença e designa a minha prisão.

JORGE — Tua sentença é a gratidão eterna de um amigo, tua prisão é o seio imaculado de uma donzela!

FERNANDO — Jorge!

JORGE — Fernando! (*Abraçam-se.*)

ATO III

## A EPOPÉIA DO AMOR

*Vista de jardim iluminado com lanternas chinesas.  
À esquerda um banco. Ao fundo o mar separado  
pela balaustrada de um terraço.*

### CENA 1ª

*José Minhoto (casacalmente vestido, forceja para  
calçar umas luvas)*

MINHOTO — Eu bem que dixei ao Sr. D. Pedro que não estava muito certo nesta manobra. Ora que lembrança extravagante! Eu um rude e simples marheiro metido nesta libré de mestre de cerimônias. Palavra de gajeiro que antes queria ver-me com 30 pampeiros por estibordo, um rombo na quilha, o velame em farrapos e 3 pés d'água no porão do que enfronhado nesta farpela como se fôsse um calunga de proa! Que diabo de figura ridícula vou eu fazer! Se se tratasse de uma abordagem no alto mar o caso mudava de figura; mas mudarem-me assim sem mais nem menos de mestre de lancha em mordomo de festas é tarefa muito pesada e difícil para quem está acostumado à cana do leme e à companhia dos tubarões. (*Puxa as luvas com os dentes.*) Qual por mais que calce a es-

cota o diabo não entra no canal nem à mão de Deus Padre!

## CENA 2ª

*D. Pedro e José Minhoto*

D. PEDRO — Então, Sr. José, como vai com sua nova encadernação?

MINHOTO — Muito mal, Sr. D. Pedro, estou aqui mais atrapalhado do que um marinheiro de primeira viagem.

D. PEDRO — Já pregou os quadros novos no salão de visita?

MINHOTO — E deram-me mais trabalho do que se carregasse um patacho de 800 toneladas.

D. PEDRO — Pois Sr. José, digo-lhe com franqueza que para um estreante não se saiu de todo mal. Com mais uns dois meses de prática ninguém o excede no ofício.

MINHOTO — Qual, Sr. D. Pedro, quem nasceu para sapateiro não pode ser alfaiate.

D. PEDRO — Há de acostumar-se, Sr. José, há de acostumar-se.

MINHOTO — E mais que tudo, Sr. D. Pedro, estou a embirrar com estas malditas luvas. Com 300 jacarés! São mais difíceis de puxar do que o ferro de uma fragata.

D. PEDRO — Talvez que a letra seja baixa.

MINHOTO — Qual, Sr. D. Pedro, a coisa é outra. O defeito não é das luvas, é das mãos, somente afeitas aos grosseiros trabalhos de bordo.

D. PEDRO — Está bom! arranja-te como puderes com as tuas luvas.

MINHOTO — Nunca mais eu me meto nestas cavalarias. Antes queria conduzir uma chalupa por entre os parrachos do que ter-me de haver com semelhantes massadas! (*Sai.*)

## CENA 3ª

*D. Pedro (só)*

D. PEDRO — Que vida cheia de aflições e cuidados. Há quase dois anos que terminou a malfadada revolta dos patriotas e que meu filho devia ter regressado ao seio de sua família, e nem uma simples notícia, nem uma fugaz esperança. Cada hora que decorre é mais um desengano que experimento, cada dia que passa vem confirmar ainda mais as minhas terríveis suspeitas e aumentar as minhas amargas decepções. Oh! sinto que não posso resistir por muitos anos, que os desgostos vão destruindo a minha existência como a foice do lenhador o tronco secular dos gigantes das florestas; Sim; é mister que este casamento se realize e que Leonor seja esposa de Roberto Nunes. Hoje mesmo convidei os meus amigos para comunicar-lhes oficialmente os meus desígnios. Velho e doente temo as conseqüências funestas deste infortúnio que me aniquila!

## CENA 4ª

*D. Pedro e D. Leonor*

D. LEONOR — Ah! meu pai! ainda bem que o encontro. Há bastante tempo que o procuro com verdadeira ansiedade.

D. PEDRO — Senta-te aqui a meu lado e dize-me o que pretendes de mim. Mas que tens? Que fisionomia é esta tão sombria? Que semblante é este tão carregado? Lágrimas nos teus olhos! Bem poderosos devem ser os motivos que determinam esta alteração.

D. LEONOR — Por certo, e em breve irá conhecê-los.

D. PEDRO — Explica-te, então, porque acho realmente singular que estejas assim triste na noite de teu aniversário, quando só tens motivos para estares prazenteira, jovial, expansiva e vaidosa de tua beleza, de tuas virtudes e de teus encantos.

D. LEONOR — Tudo isto é indiferente quando a alma soluça e o coração magoado estorce-se sob a vergasta inexorável do sofrimento.

D. PEDRO — Surpreendes-me com esta linguagem. Que queres dizer com isto? O que te falta para seres feliz? Não tens posição, nobreza, fortuna, considerações, afetos, tudo que deslumbra, que seduz, tudo que torna a vida um sonho e o mundo um paraíso?

D. LEONOR — Tudo isto desaparece, tudo se esvai, tudo isto é uma mentira, é uma ilusão, é um sarcasmo revoltante, quando o tufão do desengano arrebatá trai-

çoiramente as pétalas perfumadas das rosas da esperança para arremessá-las ao charco imundo da degradação.

D. PEDRO — Leonor, tu deliras de certo, e...

D. LEONOR — É que fui fulminada com a terrível notícia de que hoje meu pai anunciaria públicamente o meu consórcio com o Sr. Roberto Nunes. É exato?

D. PEDRO — Devias contar com isso. A ocasião não pode ser mais oportuna. Creio que já tenho demonstrado claramente as minhas intenções a este respeito. Não há razão, pois, para estranhares este fato.

D. LEONOR — E nem sequer espera pela chegada de Jorge?

D. PEDRO — Teu irmão? Ah! teu irmão já não pertence a este mundo.

D. LEONOR — E quem o garante?

D. PEDRO — O seu silêncio e os meus pressentimentos.

D. LEONOR — E se eu disser a meu pai que este casamento é impossível?

D. PEDRO — Impossível! E haverá impossível para a vontade de um fidalgo lusitano?

D. LEONOR — Meu pai, eu detesto o noivo que me destina.

D. PEDRO — Aversão pueril e transitória que o tempo destruirá.

D. LEONOR — Unir-me a êle, é apagar a estrêla de meu futuro, é crestar as flôres de minhas esperanças, é macular o arminho de minha castidade, é entregar o beija-flor ao abutre, o lírio ao furacão, é abrir um túmulo para minhas ilusões, é levantar um patíbulo para minha virgindade; é condenar-me ao mais aviltante dos cativeiros; é subir ao calvário da ignomínia, apunhalar a minha honra, esbofetear o meu pudor, fazer de meu coração o sucedâneo da concupiscência, de meu nome as relíquias de uma profanação. Quer ver a sua filha desgraçada?

D. PEDRO — A tua imaginação enfêrma fantasia perigos imaginários. O teu escrúpulo não passa de uma alucinação infundada. Roberto Nunes é bastante digno de fazer a tua felicidade. Tem fortuna, nobreza, títulos e glória. Que mais desejas?

D. LEONOR — Sim; tem a fortuna dos especuladores, tem a nobreza dos falsários, tem os títulos dos cínicos e a glória dos covardes!

D. PEDRO — Leonor, eu te desconheço.

D. LEONOR — E não é possível, meu pai, adiar para outra ocasião a participação dêste enlace?

D. PEDRO — Fidalgos como eu costumam ter uma palavra. Que desculpas apresentaria para justificar êste procedimento?

D. LEONOR — Pois eu lhe afirmo, meu pai, uma vez que a isto me vejo obrigada, que êste casamento não há de realizar-se.

D. PEDRO — E por quê?

D. LEONOR — Porque não quero trazer uma vergonha para meu nome nem um remorso para sua consciência. Deus seria a negação da justiça se consentisse em semelhante monstruosidade.

D. PEDRO — Insolente! Terás por ventura o arrojado intento de opor-te às minhas determinações?

D. LEONOR — Um filho tem sempre o direito de revoltar-se contra a vontade de seu pai, tôdas as vêzes que ela, assumindo as proporções de uma tirania, sacrifica a sua felicidade; tôdas as vêzes que a autoridade paterna está subordinada ao influxo pernicioso de uma sugestão maldita; tôdas as vêzes que fôr preciso salvar a sua reputação e garantir a sua virtude. A obediência é um crime quando dela resulta uma degradação moral.

D. PEDRO — Filha rebelde! Nunca homem algum ousou dizer impunemente a D. Pedro de Ataíde o que acabas de acentuar tão audaciosamente em presença de teu pai.

D. LEONOR — Perdoe-me se o ofendi.

D. PEDRO — Conheço as tuas ignóbeis intenções, mas fica sabendo que não cederei um palmo neste terreno. Êste amor indigno, esta paixão insensata que ainda alimentas por um miserável aventureiro não há de triunfar da dignidade de um gentleman português. Bem haja o destino que o sepultou para sempre nas profundezas do oceano, para castigo de sua deslealdade e de sua ingratidão.

D. LEONOR — Se um cadaver pudesse defender-se talvez que do fundo do oceano onde repousa se levanta-

tasse para protestar contra a severidade desta acusação injusta que macula a memória de um mártir e a dignidade de uma donzela.

D. PEDRO — E tu ainda o amas, desgraçada!

D. LEONOR — Sim; amei-o na vida como noivo, amei-o na luta como herói, amei-o na morte como mártir e hei de amá-lo no céu como uma estrêla!

D. PEDRO — Basta! Não provoques por mais tempo minha cólera. Não afrontes por mais tempo a minha indignação! O que decidi está decidido. Garanti que seria espôsa de Roberto Nunes, sê-lo-ás!

D. LEONOR — Pela memória de minha santa mãe, não me sacrifique àquele monstro!

D. PEDRO — Não invoques a memória de um justo para amparar a baixeza de um crime. Tua mãe morreria de vergonha se soubesse que tinha uma filha que não sabia respeitar as cinzas de seus antepassados, a nobreza de seus pergaminhos, ao prestígio de suas trações. Dei a minha palavra de honra a Roberto Nunes, só êle tem atualmente o direito de dispor de teu futuro!

#### CENA 5ª

*D. Pedro de Ataíde, D. Leonor e  
Roberto Nunes*

ROBERTO — Felicidade e honra que muito me desvanecem e às quais não me assiste a faculdade de renunciar. Como passam?

D. PEDRO — Eu, como velho e doente.

D. LEONOR — E eu como vítima que marcha para o calvário.

#### CENA 6ª

*D. Pedro de Ataíde, D. Leonor,  
Roberto Nunes e um Criado*

CRiado — Venho prevenir a V. Exa. que já se acham no salão diversos convidados.

D. PEDRO — Meu caro Roberto, queira desculpar-me se o deixo por alguns instantes. Os meus deveres de dono de casa reclamam-me em outra parte. Leonor lhe fará companhia. (*Sai.*)

ROBERTO — Sem cerimônia, Sr. D. Pedro. Onde estiver a Exma. Sra. D. Leonor está o paraíso.

D. LEONOR — E onde estiver o Sr. Roberto está o inferno.

ROBERTO — Já vejo que o tempo ainda não modificou essa injusta antipatia que tão obstinadamente me volta. Creia, minha senhora, que estou muito longe de parecer-me com êsse anjo das trevas que a nossa religião inventou, como arma de combate, contra o espirito supersticioso dos simples e dos fanáticos. Expressões desta ordem são de péssimo efeito em lábios tão gentis.

D. LEONOR — E ainda assim elas não são suficientes para significar a grandeza de minha aversão e a legitimidade de meu desprêzo.

ROBERTO — Para que tanta acrimônia, D. Leonor, para essa tempestade de invectivas, se daqui a poucos dias terão desaparecido essas desagradáveis repugnâncias e nós seremos os mortais mais ditosos dêste pedaço do globo, vivendo no celestial remanso de nossa eterna ventura?

D. LEONOR — Causa-me asco, senhor, essa insolente ironia a par de tão requintada imprudência. Não admira. Do seio dos pântanos só podem sair miasmas deletérios.

ROBERTO — Diga o que quiser, mas pode ficar convencida de que nem tôda a artilharia de sua indignação seria capaz de desalojar-me do reduto de meu amor. Sou uma fortaleza inexpugnável.

D. LEONOR — Amor! E pode o algoz amar a vítima a quem assassina? Pode o verme amar a flor a quem envenena? O seu amor é um sarcasmo revoltante arremessado às faces da sociedade, é uma profanação indigna feita ao santuário da família, é um estigma infamante com que pretende enxovalhar a castidade de uma mulher!

ROBERTO — É um erro de apreciação. V. Exa. é sistematicamente refratária à evidência dos sentimentos.

D. LEONOR — O amor é santo e o senhor blasfema; o amor é grande e o senhor avilta; o amor é puro e o senhor macula; amor é nobre e o senhor corrompe; o amor é um poema de virtudes e o senhor é um catálogo de crimes; o amor é um evangelho de luz e o senhor é um código de infâmias.

ROBERTO — Estou deveras estupefato. Não pensei que V. Exa. tivesse uma imaginação tão rica.

D. LEONOR — Amor é êsse sentimento indefinível santificado pela honra; é êsse gôzo inexplicável purificado pelo dever; é êsse orvalho fecundo cristalizado pela inocência, essa corrente magnética que nos embriaga a imaginação, é o paraíso da terra, a aspiração dos anjos, o ideal do Cristo.

ROBERTO — Bravos, minha senhora; sua eloquência esmaga-me.

D. LEONOR — Para amar-se é preciso ter-se nos lábios o gorjeio das aves, na alma o perfume dos lírios, no peito a crença dos poetas, no cérebro as cintilações dos astros, no coração a pureza das crianças, na consciência a auréola dos anjos, na fronte o diadema glorioso dos heróis!

ROBERTO — V. Exa. está estragando inútilmente as pérolas de sua retórica.

D. LEONOR — É necessário cantar como Petrarca, gemer como Byron, sofrer como Gonzaga, sonhar como Romeu e morrer como Leandro nas ondas traiçoeiras do Helesponto. Mas o amor que se nutre do cinismo, que se alimenta do embuste, que vive da hipocrisia e que se inspira nos interesses inconfessáveis, não é amor, — é uma exploração ignóbil, é um capricho repugnante, é um abôrto psicológico, é uma aberração monstruosa gerada nas entranhas gangrenadas de um cadáver moral.

ROBERTO — Que catadupa de amabilidades!

D. LEONOR — Quereis contemplar a vossa alma? Olhai para o fundo de um abismo. Quereis conhecer o vosso amor? Dissecai o coração de um monstro!

ROBERTO — A senhora dava uma esplêndida professora de retórica. Aposto que aprendeu todos êstes galanteios com o ridículo do Fernandinho. Êsses patriotas são uns desfrutáveis de *primo cartelo*.

D. LEONOR — Mais respeito, senhor; nomes como o que acabais de proferir só se pronunciam com os lábios puros e com a fronte descoberta.

ROBERTO — Ah! ah! ah! Porque não lhe arranja uma canonização? No nicho da capela de qualquer aldeia faria uma magnífica figura. Quanta beata supersticiosa não lhe viria cair aos pés! Quanta rapariga desenganada não o atormentaria com ladainhas e promessas? Era um verdadeiro sucesso.

D. LEONOR — Oh! é impossível ligar o meu destino a um homem sem consciência.

ROBERTO — Não é gênero de primeira necessidade.

D. LEONOR — Sem religião.

ROBERTO — Deus nada tem que ver com as nossas transações.

D. LEONOR — Que especula com sua falsa posição.

ROBERTO — Estou no meu direito de vender por bom preço a minha mercadoria.

D. LEONOR — Que abusa da credulidade de um homem de bem.

ROBERTO — Que tem bastante idade e experiência para não se deixar iludir.

D. LEONOR — E que faz de sua infâmias os troféus de seus ignóbeis triunfos!

ROBERTO — Basta, oceano incomensurável de orgulho e vaidade. Já se foi o tempo em que a filha de um nobre podia erguer a cabeça mais alto do que um filho do povo. Um Roberto Nunes vale hoje muito bem um D. Pedro de Ataíde!

D. LEONOR — Nunca! Enquanto a virtude fôr mais elevada do que o vício, a luz mais pura do que as trevas, a honra mais digna do que a torpeza, D. Pedro de Ataíde, o fidalgo sem mancha, há de ser sempre superior a Roberto Nunes, o plebeu sem brios!

ROBERTO — Senhora! Esta provocação obriga-me a faltar às regras da cortesia. Não abuse de minha paciência.

D. LEONOR — Não me assustam as suas ameaças. Os pérfidos são sempre covardes.

ROBERTO — Garanto-lhe que terá em breve o competente desmentido.

D. LEONOR — Proceda como entender. O que lhe asseguro é que prefiro ser amante de um laçao a ser espôsa de um galé! (*Sai.*)

#### CENA 7\*

##### *Roberto Nunes e dois convidados*

1º CONVIVA — Oh! afinal que o encontramos, meu venturoso Adônis. Será a felicidade que o torna egoísta?

2º CONVIVA — Vieste esconder neste jardim a tua deliciosa ventura? Olha que há quase 10 minutos que te procuramos para apresentar-te as nossas sinceras congratulações.

ROBERTO — Agradeço-lhes, cordialmente, meus nobres amigos, esta significativa manifestação de tão elevado aprêço com que o seu fidalgo cavalheirismo aprouve distinguir-me.

1º CONVIVA — O Sr. D. Pedro de Ataíde acaba de fazer público o teu consórcio com a Exma. Sra. D. Leonor.

2º CONVIVA — Foi uma esplêndida conquista! Felizardo!

1º CONVIVA — Podes dizer que meteste uma lança na África!

ROBERTO — Não me façam tornar orgulhoso à força de lisonjearem a minha vaidade. (*A música toca; vêem-se cavalheiros e damas passeando pelo fundo do jardim.*) Meus amigos, a música reclama contra nossa ausência e convida-nos a tomar os nossos postos. Vamos para o salão. (*Saem.*)

#### CENA 8ª

D. Leonor (só)

D. LEONOR — Espôsa de Roberto Nunes! Nunca! Esquecer a memória de Fernando! Impossível! O implacável abismo que serviu de túmulo ao eleito de meu coração será também o meu tálamo nupcial. A natu-

reza me emprestará as suas pompas para celebrar os meus esponsais. A cortina diáfana do firmamento será o meu véu de noiva, as estrêlas fulgurantes tecerão a minha grinalda de virgem, as vagas esmeraldinas embaladas pelas virações do sul entoarão os hinos maviosos e místicos do Himeneu, as brisas soluçantes espalharão por sôbre o meu leito de safiras o perfume vaporoso e casto das magnólias e dos lírios e a lua, esta mensageira da poesia e da saudade, virá imprimir nas minhas faces geladas o primeiro ósculo de amor. Adeus, flôres que me embriagastes com o vosso perfume; adeus, fontes que me embalastes com os vossos sussurros; adeus, andorinhas que me saudastes nas rissonhas manhãs de primavera; adeus, ninhos onde aprendi a cantar; adeus, vales onde aprendi a sorrir; adeus, vagas onde aprendi a sofrer. É triste morrer-se môça, mas é sublime morrer-se virgem. Minha mãe, perdoai o meu delito, meu pai, abençoai a vossa filha desditosa. Oh mar! monstro de perfídias e enganosa, já que roubaste as minhas esperanças, rouba também a minha existência. Fernando, abre o teu coração para receberes a tua desposada! (*Lança-se ao mar. A música toca à surdina durante tôda a fala.*)

#### CENA 9ª

D. Pedro, Roberto e Jorge

D. PEDRO — Estão preenchidas tôdas as formalidades. Só falta ir amanhã ao tabelião para assinar as escrituras.

ROBERTO — E marcar o dia do casamento.

JORGE — Juro em como não se realizará!

ROBERTO — E quem o impedirá?

JORGE — O filho de D. Pedro de Ataíde! O capitão das guardas de Sua Majestade El-rei de Portugal!

ROBERTO — Jorge de Ataíde aqui! Estou perdido!

D. PEDRO — Jorge, Jorge, tu, meu filho! Oh, meu Deus, que consoladora felicidade! (*Abraçam-se efusivamente.*) Dize-me, conta-me o que te sucedeu que a mais tempo não vieste lançar-te nos braços de teu pai que ansioso te esperava, contando as horas, os segundos, os momentos, para encher-te de bênçãos e coroar-te de louros?

JORGE — Vou explicar-lhe tudo. Depois do combate de Ipojuca em que foram totalmente derrotadas as últimas fôrças dos patriotas, eu e Fernando nos embarcamos numa lancha que fazia-se de vela para nossa terra. Poucos momentos, porém, depois desencadeia-se uma furiosa tempestade que durou 10 horas e no fim da qual, completamente extenuados e sem esperança de salvação, vagavamos em mares desconhecidos, sem leme, sem vela, sem rumo e sem viveres. Dois dias ficamos à mercê das ondas até que no terceiro fomos recolhidos por um navio de nossa pátria que se fazia de vela para a África. 24 meses durou a nossa peregrinação marítima e teria sucumbido, vítima de uma febre violenta, se não fôsse a solicitude heróica de Fernando. Concluída a carga o navio regressou de nôvo a Lisboa, onde tomamos passagem em um brigue que chegou há 2 dias a Pernambuco. Fretar uma lancha que nos transpor-

tasse imediatamente foi o meu primeiro cuidado. Desta vez a viagem foi bastante propícia e aqui aportei ainda a tempo de desmascarar um embusteiro e castigar um sevandija.

D. PEDRO — Embusteiro? Sevandija? Qual o objeto de semelhantes qualificativos? A quem fazes tão severa alusão?

ROBERTO — Lá se vão pelos ares todos os meus castelos.

JORGE — Ao infame renegado que traiu a nossa causa, ao arrojado ladrão que roubou as minhas condecorações.

D. PEDRO — E quem o miserável que a tanto se atreveu?

JORGE — É o mais desprezível dos lábregos. Ei-lo! (*Indica Roberto.*)

D. PEDRO — Como? Roberto Nunes?

JORGE — Sim; Roberto Nunes, o trãnsfuga que abandonou o seu pôsto de honra, o réprobo que esbofeteou a sua pátria, o traidor que calçou aos pés o seu pavilhão, o hipócrita que prostituiu a sua consciência, o bandido que vendeu ao inimigo a sua espada, o covarde que arrastou pela lama o nome glorioso do povo lusitano, o canalha, enfim que, insinuando-se como a serpente astuta na confiança de um homem de bem, pretende macular as suas cãs, usurpar o seu prestígio, deslustrar a sua nobreza, desvirtuar o seu caráter e sacrificar aos caprichos torpes de sua desmedida cobiça a castidade imaculada de uma criança indefesa!

D. PEDRO — Que dizes, Jorge? Será possível tanta degradação e tanta vilania?

ROBERTO — Adeus, casamento! Adeus, condecorações!

JORGE — E quer saber até que ponto chegou a perfídia desta pústula social, vergonha de todos os militares, escória de todos os portugueses?

ROBERTO — Não tem que vem. O diabo desta vez desmanchou-me a igreja.

JORGE — Ouça e julgue. Este salteador que aqui vê ostentando a prosápia de uma posição fictícia, foi o comandante do piquete encarregado da minha execução.

D. PEDRO — De tua execução?

JORGE — Sim; fui prisioneiro, julgado e condenado à morte.

D. PEDRO — E como pudeste escapar?

JORGE — Salvaram-me o heroísmo de um soldado, a abnegação de um amigo, a magnanimidade de um irmão.

D. PEDRO — E este amigo, este soldado, este irmão...?

#### CENA 10ª

*D. Pedro de Ataíde, Jorge, Roberto e um criado*

CRiado — Uma grande desgraça, Sr. D. Pedro! Acuda depressa, que a Sra. D. Leonor acaba de atirar-se ao mar.

D. PEDRO — Morta! Morta! minha filha morta! Oh! meu Deus, que terrível fatalidade! Socorro! Socorro! Quem salva a minha filha?!

#### CENA 11ª

*D. Pedro, Jorge, Roberto e Fernando (conduzindo D. Leonor desmaiada nos braços)*

FERNANDO — Eu, Senhor D. Pedro de Ataíde.

ROBERTO — Fernando! Raios do inferno!

D. PEDRO — Oh! Salva! Salva! Minha querida Leonor! Filha estremecida, anjo de amor e de candura! E o senhor salvou-a: é um herói, é um bravo, é um Deus. Oh! eu enlouqueço de tantas comoções! Quão insensato! e quanto injusto que fui!

JORGE — Acalme-se, meu pai.

D. PEDRO — O seu nome, senhor, o meu nome? Quero empenhar-lhe eternamente a minha gratidão, quero suplicar a sua amizade, quero dobrar os joelhos diante de sua bravura!

D. LEONOR — Abra-me o coração e nêle encontrará o nome de meu salvador.

FERNANDO — Estarei por acaso tão mudado, que já não conheça o filho de seu amigo Estêvão de Alencar?

D. PEDRO — Fernando! Justiça dos Céus! Inexplicáveis decretos da Providência!

JORGE — Sim; Fernando, que, inspirado pelo amor e pela amizade arrancou minha querida irmã às fúrias do oceano, e a mim à vingança dos patriotas, arriscando leal e desinteressadamente a sua vida preciosa para provar que, se há um destino que protege os monstros, há também uma Providência que defende os justos!

ROBERTO — Se eu pudesse pôr-me ao fresco!

D. PEDRO — E eu que te desprezei, que te insultei, que expulsei-te de minha casa! Oh! perdoa, perdoa, meu bom Fernando, meu amigo, meu filho, a minha loucura, a minha cegueira fatal! Aceita de novo o lugar que ocupavas no meu coração!

FERNANDO — Passemos uma esponja sobre o passado. O Sr. D. Pedro de Ataíde não é responsável pelo que sucedeu. Eis o verdadeiro culpado.

D. PEDRO — Tens razão. É mister que desafrontemos a nossa honra e julguemos êste miserável.

ROBERTO — Dava toda minha fortuna para me ver livre desta entaladela.

D. PEDRO — Roberto Nunes, iludiste a minha confiança, renegaste a pátria, enlameaste a tua bandeira, eu te acuso porque és um traidor.

FERNANDO — Roberto Nunes, denunciaste os teus companheiros; vendeste a tua espada, fugiste covardemente do campo do combate, eu te acuso porque és um covarde!

D. LEONOR — Roberto Nunes, atentaste contra minha virgindade, escarneceste de meu afeto, fizeste-me

entornar a taça de todos os sofrimentos, eu te acuso porque és um monstro.

JORGE — Roberto Nunes, mentiste à tua consciência, profanaste um amor inocente, exploraste os sentimentos de um homem de bem, roubaste as minhas condecorações, eu te acuso porque és um ladrão!

D. PEDRO — Ouviste a tua acusação, Roberto Nunes; agora prepara-te para ouvires a tua sentença. Vamos. O que merece um traidor?

FERNANDO — A morte!

D. PEDRO — O que merece um ladrão?

JORGE — A fôrca!

D. PEDRO — O que merece um monstro?

D. LEONOR — O desprezo!

D. PEDRO — Tens razão, minha filha; a execração é o único castigo para as almas de lodo.

ROBERTO — Dão licença que me retire?

D. PEDRO — Saia, miserável; o seu contato avilta, a sua presença envenena. Entrego-o aos remorsos de sua consciência, ao estigma infamante da sociedade!

ROBERTO — Supus que a tal comédia tivesse um fim mais trágico. (Sai.)

D. PEDRO — Fernando, tudo está terminado. Aqui neste momento, não há mais brasileiros nem portugueses, vencidos nem vencedores, somos todos irmãos. Leonor, eis o teu espôso! Fernando, eis a tua mulher!

JORGE — É a inocência santificando a liberdade, é a liberdade glorificando a inocência. Vivam os noivos!

FERNANDO — Viva a República!

D. PEDRO — Fernando!

FERNANDO — Perdoai, Senhor: é a última explosão do sentimento, é o último grito da liberdade!

FIM

"Segundo Wanderley foi um homem que, esquecido de si mesmo, viveu para os outros, com abnegação de um santo. Incompreendido, tanta vez, nas suas atitudes, caminhou sempre sereno e ativo, na trilha que lhe traçara o seu grande e magnânimo coração".

*Adalberto Amorim*

"A sua Cidade amou-o ardentemente. Teceu sôbre a sua cabeça encanecida nos fins da luta, "um halo de atordoadora popularidade".

*Newton Navarro*

"Na adoção do ritual do Calipso, do qual fôra, em vida, um dos mais ardorosos e mais devotados evangelizadores, Segundo Wanderley encontrou os caminhos sem tangentes e sem curvaturas, que o conduziram à glória suprema da imortalidade".

*Jaime dos G. Wanderley*

"Nos versos de Segundo Wanderley, da escola vibrante de Castro Alves, é o maior condoreiro destas plagas, vive meio século, escreveu dramas, comédias, panfletos e humorismo, fantasias e versos. Foi, assim, variada a manifestação do seu talento".

*Aderbal França*